

Integração portuguesa na FLF: a morte de uma integração anunciada

Fica para o prolongamento “graças a Deus” ...

Ainda não foi desta que o futebol português viu abrirem-se-lhe as portas da organização federativa luxemburguesa. Muitos meses depois de o primeiro-ministro português, ladeado pelo secretário de Estado das Comunidades Emigrantes e pelo embaixador no Luxemburgo, anunciar, triunfalmente, que o futebol português ia ser integrado, tal questão nem sequer foi abordada no último congresso da Federação Luxemburguesa de Futebol. E, segundo o seu presidente declarou à RTL, “graças a Deus que a integração dos portugueses não foi discutida”...!

Com efeito, o 97º Congresso da FLF começou e terminou com a votação do relatório de actividades da direcção em exercício (conselho de administração), presidida por Norbert Konter. E a questão que prendia a atenção dos portugueses, ou de alguns, ficou “à porta”... Ou, para utilizar linguagem futebolística, está “fora-de-jogo”. Na melhor das hipóteses, fica para o prolongamento.

Relatório nada dizia sobre este assunto

Após uma primeira parte do congresso em que se ouviram as habituais declarações de circunstância, os representantes dos 118 clubes presentes manifestaram, na generalidade, descontentamento relativamente à actuação daquele que dirige a FLF desde há 11 anos, acusando em particular os órgãos dirigentes de não prestarem a mínima atenção aos interesses dos clubes, além de, mais grave ainda, fazerem tudo para afastar imediatamente (pondo “no banco”) qualquer dirigente que coloque questões ou apresente problemas, isto numa época de penúria de dirigentes desportivos.

Tentando fazer face a críticas sucessivas, e a ataques em profundidade (alguns bastante descorteses), o presidente da FLF submeteu o seu relatório de actividades à votação e viu-o ser recusado, por 357 votos contra e 250 a favor. Numa segunda tentativa, foi apupado e vaiado e, nessas circunstâncias, apresentou a demissão, a sua e a do conselho de administração que dirigia. Um congresso extraordinário deverá, dentro de algumas semanas, eleger um novo conselho.

Estes acontecimentos impediram, pois, que o processo de integração do futebol português fosse discutido pelos congressistas. Não foi este nem foram outros temas — lutou-se apenas no meio-campo... Deve no entanto realçar-se que, apesar dos inúmeros contactos e das várias reuniões, entre representantes das duas organizações (FLF e EAPL), bem como das intervenções sobre o assunto ao mais alto nível do Estado, o relatório de actividades apresentado por Norbert Konter não incluía uma única palavra sobre o assunto. O

relatório não fazia a mais pequena observação sobre as negociações em curso, talvez por inexistência de qualquer proposta concreta por parte da direcção da FLF.

Do lado português, e apesar de apenas dois clubes terem entregue os processos de candidatura no prazo estabelecido, a delegação que mantinha contactos com os responsáveis da FLF manifestou-se esperançada numa retoma do processo com o futuro corpo directivo. Todavia, é provável que as negociações sofram algum recuo, uma vez que o novo presidente pode discordar de alguns dos compromissos assumidos pelo seu antecessor. Daí que observadores considerem a “guerra na FLF” um elemento muito negativo para as expectativas de integração. Alguns apontam o ano de 2001 como prazo antes do qual não deverá ser possível ver equipas portuguesas a competir no campeonato luxemburguês.

Com tais condições, é difícil

Um antigo dirigente da FLF, que abandonou o cargo por discordar precisamente com o modo como o organismo era gerido, disse à HORIZONTES ver como pouco provável uma integração no quadro das exigências oficiais colocadas aos clubes portugueses. Acha que as condições deveriam ser mais hospitaleiras, menos exigentes, dado que, a seu ver, a entrada de alguns clubes portugueses pode constituir uma evolução significativa no futebol luxemburguês.

Em entrevista informal à HORIZONTES, que saíra pelo acompanhamento que tenciona fazer do “desporto-rei”, aquele antigo responsável discordou do desprezo evidente em alguns meios luxemburgueses, já que no futebol da FAPL “há equipas que se podem bater de igual para igual com algumas das melhores formações nacionais” — sublinhou, citando inúmeros exemplos de equipas luxemburguesas que não destoam do futebol paralelo da FAPL.

E já nem se fala em fazer novos campos. Uma equipa que precise de se associar a um clube que não possua campo, e que não consiga um contrato de arrendamento de três anos, e que veja interesse em construir o seu próprio campo de futebol, tem de pensar em arranjar uns bons tostões para o fazer. Um campo que respeite todas as regras da UEFA e da FLF, mesmo sem iluminação, mesmo com ajudas locais e boas-vontades dos associados, não se constrói com menos de 40 a 60 milhões de francos — confidenciou-nos o antigo dirigente da Federação Luxemburguesa de Futebol.

Benfica e Águias foram os únicos candidatos

O processo de integração não foi apreciado pelos congressistas, mas se o tivesse sido é provável que suscitasse entre eles tanto interesse como aquele que se apresentava do lado dos candidatos à adesão: ínfimo. Com efeito, apenas dois clubes da FAPL apresentaram candidaturas formais: o Benfica e o Águias/Boavista.

A delegação portuguesa às negociações pensa que na base da ausência de outros processos estará a dificuldade de preenchimento dos documentos necessários, pelo que se colocou à disposição dos interessados para esse fim (contactar: Carlos Cavaleiro, presidente da FAPL; José Ferreira Trindade, presidente do CASA; dr. Dias Costa, conselheiro da Embaixada).

Recorde-se que grandes associações desportivas e recreativas faltaram à chamada: Lusitanos, Tondelenses, UJP d’Esch, Porto, Luso-Caboverdiana, entre outros, “não alinharam”.

“Quem não quer, manda”

De um modo geral, é patente a falta de interesse dos clubes portugueses em fazer avançar o processo de integração. Uns por impossibilidade prática de cumprir os requisitos, ou por falta de estruturas e orçamento que garantam uma sobrevivência do clube nas novas circunstâncias, outros por temor das consequências de um passo que, diga-se em abono da verdade, é quase revolucionário.

De resto, no mais recente debate público sobre este assunto, a delegação portuguesa não conseguiu desfazer a ideia de que a integração do futebol português constitui uma iniciativa de uma vanguarda ao arrepio da vontade colectiva, de uma minoria ao serviço da maioria. Continua-se com a impressão de que se trata apenas do esforço de alguns, conscientes de um interesse geral que o colectivo não discortina, nem o motiva.

Porque quando os clubes estão motivados para uma determinada decisão, tomam-na. Veja-se o caso do Águias, que apresentou processo de candidatura e que, entretanto, já conseguiu, sozinho, sem apoio de delegação nenhuma, sem negociações arrastadas, sem patrocínio de primeiros-ministros nem publicidade, integrar plenamente, e com sucesso, o seu futebol feminino na estrutura oficial luxemburguesa. O Benfica, por seu lado, já há bastante tempo que procura concretizar esse passo, mesmo solitariamente.

Não encaixa aqui perfeitamente a sabedoria popular que constata que “quem quer vai, quem não quer manda”?

Talvez na época 2001/2002

Em reuniões efectuadas em Setembro e Outubro com os clubes, a citada delegação portuguesa às negociações de integração concluiu que, de facto, não era possível apresentar processos da maioria dos clubes atempadamente. Assim, começou, ao que parece, a trabalhar para que, em Março ou Abril próximos, seja possível ter o processo concluído, ou seja, as candidaturas apresentadas às instâncias futebolísticas luxemburguesas, verificada por estas a sua normalidade e confirmada a existência e regularidade das infra-estruturas exigidas, designadamente o campo de futebol.

Tudo isto significa que já não será na próxima reunião máxima que tal questão poderá ser incluída e votada. E, chegada essa altura, talvez daqui a dois anos e meio, é, finalmente, preciso conseguir obter dois terços dos votos dos representantes dos clubes constituintes da Federação Luxemburguesa de Futebol, número necessário à aprovação de entrada de novos associados. A apreciar a surpresa que constituiu, no último congresso, a rejeição do relatório de actividades da direcção, nada é dado adquirido. Apesar de todos os preparativos e discussões que estão a rodear o pedido de integração — mesmo que nessa altura, tantos anos passados, seja essa a expectativa geral —, não é líquida a aprovação por parte dos congressistas. Nem selectiva nem em bloco.

caixilho 1 (c/foto):

Com ele, caiu um sonho

Norbert Konter explicou à imprensa luxemburguesa que para ele foi um alívio a questão da integração do futebol português não ter sido sequer debatida, porque a polémica que tal iria suscitar inevitavelmente era mais uma dificuldade que ele iria defrontar no Congresso. Contudo, Konter reafirmou ser um partidário da integração.

caixilho 2:

Afinal, quem está interessado?

Significativa de todo este processo é a declaração, em jeito de apelo, de um dos membros da delegação, segundo a qual “todos [clubes e dirigentes portugueses] têm que demonstrar, na prática, que estão interessados em aderir”. Com efeito, sem essa condição prévia, tudo é bastante mais difícil.